

[[imprimir esta página](#) | [fechar](#)]

conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson: breve apresentação dos ideais de materialismo cultural e experiência
por Raquel Sousa Lima

O artigo tem como objetivo principal fazer uma breve discussão teórica sobre o conceito de cultura, presente no pensamento de Edward P. Thompson e Raymond Williams, expoentes intelectuais do movimento teórico chamado de Nova Esquerda.

O termo cultura suscita muitas interpretações. O velho e reconhecido dictionary Aurélio assim o define:

11. Atto, efeito ou modo de cultivar. 2. Cultivo. 3. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade: civilização. 4. O desenvolvimento de um grupo social, uma nação, etc., que é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores; civilização, progresso. 5. Apuro, esmero, elegância. 6. Criação de certos animais, em particular os microscópicos. [1]

Os seis grupos de significados que encontramos para definir o que é cultura nos mostra, de imediato, que o termo varia, sugerindo-nos que todas as acepções nele presentes são aceitas. Assim, cultura significa tanto os valores e padrões de comportamento de uma sociedade (3), como civilização, progresso (4) e, ainda, apuro ou elegância (5). Para um leitor descompromissado, tais significados podem ser facilmente utilizados, desde que aplicados a uma determinada situação que o exija. No entanto, para um historiador, a utilização do termo não pode ser feita dessa maneira, já que a adoção de um ou outro, ou de um e outro significado implica necessariamente a tomada de uma posição acadêmico-política. Assim, não podendo usá-lo com indiferentemente o conceito de cultura, o historiador cabre abórdado dentro de uma perspectiva histórica, ou seja, considerando os contextos sociais dentro dos quais os termos foram elaborados.

Maria Eliza Cevalso, inspirada em Raymond Williams, concorda que o termo cultura, até o século XVIII, significava uma atividade, a cultura de alguma coisa, em geral animais e produtos agrícolas.[2] A partir do período final do século XVIII, o termo cultura passou a ser utilizado com o correspondente à ideia de civilização. Civilização, então, era aceita com um estado realizado, originado de civitas (ordenado, educado), em oposição, portanto, ao estado natural da barbárie. Mas este estado realizado também era caracterizado pelo seu desenvolvimento, isto é, um estado civil, civilizado, educado, que teve progresso. Williams afirma que, nesse sentido, os termos cultura e civilização eram intercambiáveis.

No discurso iluminista deste período, formulado na França; e que corroborou teoricamente com as transformações sociais capitalistas, a ideia de civilização era sustentada na crença da razão, que levava o progresso às sociedades. No entanto, o próprio processo histórico de afirmação do capitalismo questionou esta concepção e, segundo Williams, a crítica a esta ideia surgiu neste mesmo país, com o pensamento de Jacques Rousseau. Além disso, a correlação entre cultura e civilização também sofreria um ataque dos intelectuais alemães, preocupados em defender a tradição nacional contra a civilização cosmopolita proposta pelos iluministas franceses. Com o romantismo alemão, então, cultura ou "kultur" passaria a ser relacionado mais especificamente à criação e à manutenção do patrimônio histórico e artístico. Assim, não podendo usá-lo com indiferentemente o conceito de cultura, o historiador cabre abórdado dentro de uma perspectiva histórica, ou seja, considerando os contextos sociais dentro dos quais os termos foram elaborados.

Com isso, no século XIX, o termo cultura passou a ser associado ao processo geral de desenvolvimento "iníquo", em oposição ao "externo". Cultura passou a ser ligada às artes, religião, instituições, práticas e valores distintos e às vezes até opostos à civilização e à sociedade.[4] No entanto, a velha ideia de cultura relacionada aos cultivos agrícolas, permaneceu.

Essas concepções de cultura, aliadas à noção de cultura como referente ao erudito, iriam ser preponderantes até meados do século XX. No entanto, a partir desta época, após a "civilização europeia" ter passado por duas grandes guerras e ainda, com o desenvolvimento dos meios de comunicação em massa na década de 1960, não era mais plausível pensar em cultura dessa forma, como se uma ou outra cultura fosse comum a toda a sociedade. Como afirma Cevalso, "nesse momento, a Cultura, com letra maiúscula, é substituída por culturas no plural".[5]

Neste contexto, um grupo de intelectuais marxistas britânicos destacou-se por ter a preocupação de tentar reformular o conceito de cultura, de forma que este novo conceito se ajustasse a entender as transformações culturais pelas quais a Europa passava naquela época e, principalmente, a Inglaterra, que enfrentava uma crise política e econômica. Assim, esses pensadores fundaram uma nova disciplina, que ficou conhecida como "estudos culturais".

Entre estes intelectuais oriundos de diferentes correntes de esquerda havia um grupo que pertencia ao Partido Comunista da Grã-Bretanha e que, por isso, tinha uma forte orientação marxista. Parte desse grupo saiu do Partido, rompendo com a ortodoxia que vinha da então União Soviética, quando as notícias das atrocidades cometidas durante a guerra civil na Espanha, sobretudo, e durante a invasão soviética da Hungria, em 1956. A partir de então, o alinhamento de alguns pensadores marxistas com o Partido Comunista foi rompido. Fazia-se, pois, necessário rever o pensamento marxista, de forma a pensar novas bases para a formação social.[6] Assim, alguns destes intelectuais, como Raymond Williams, Edward P. Thompson e Richard Hoggart, saíram do partido e formaram o que ficou conhecido como "Nova Esquerda". Este movimento posicionou-se ao mesmo tempo contra o estatismo e o conservadorismo da direita e contra o dogmatismo e o reducionismo da esquerda stalinista.

Estes intelectuais também tinham uma inserção nas universidades tradicionais britânicas, onde presenciam os desenvolvimentos de intervenção política na sociedade britânica. Assim, tomaram-se professores da Worker's Educational Association, uma associação voltada para a educação de trabalhadores. Preocupados com uma educação pública que divulgasse e defendesse os valores da cultura comum desses operários, em oposição aos valores gerais defendidos pela elite, eles se propuseram a repensar o conceito de cultura. Passaram, então, a valorizar a cultura dos "de baixo".[7]

Tentando reformular o conceito de cultura sem, no entanto, abandonar os princípios de Marx que os orientavam, eles passaram a estudar e a traduzir, além de publicar, vários pensadores marxistas europeus na revista *The New Reasoner*, como, por exemplo, a obra do italiano Antonio Gramsci. O objetivo central era analisar o pensamento teórico marxista, tentando rever a questão do economicismo, de forma a incluir neste pensamento a preocupação com a questão da cultura.

Destes estudos, destacamos alguns, sobre os quais discutiremos, de forma sintética, o conceito de cultura: a obra *Marxismo e Literatura* (1979), de Raymond Williams, e as obras de Edward P. Thompson, entre elas *A formação da classe operária inglesa* (1980), *A miséria da teoria* (1981), *Costumes em Comum* (1998) e *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos* (2001).

Raymond Williams (1921-1998) e a elaboração de uma teoria materialista da cultura

Raymond Williams, apesar de sua origem familiar operária, se formou em inglês pela Universidade de Cambridge. Foi crítico literário e professor de várias disciplinas de Língua e Literatura nas universidades de Oxford e Cambridge, além de ter trabalhado no projeto de educação de operários. Na obra tomada aqui para análise, ele afirma que seu propósito é levantar uma crítica e uma argumentação, referentes às relações entre *Marxismo e Literatura*. Essa crítica se faz a partir de seu envolvimento com a Nova Esquerda e do seu contato com o pensamento de Bertold Brecht e George Lukács.

Preocupado principalmente com o questionamento do estabelecimento de uma teoria literária marxista, Williams partiu dos conceitos da teoria cultural marxista, que era entendida em sua época. No entanto, fez uma revisão desse conceito e se afirmou não como marxista, mas sim como um teórico do materialismo cultural que, segundo ele, era "uma teoria das especificidades da produção cultural e literária material, dentro do materialismo histórico".[8]

Na tentativa de definir o que é cultura, o autor apontou a complexidade em se fixar um determinado conceito, sem antes colocá-lo num contexto histórico específico. Sobretudo no que se refere à cultura, a dificuldade seria ainda, dada a amplitude do seu alcance. Assim, tentando marcar a formação histórica do conceito de cultura tirando-lhe o caráter de "entidade percebida", dada puramente, Williams recuperou o termo que, até o século XVI era associado à ideia de cultivar alguma coisa (animais, colheitas, mentes, etc). Ele afirmou que, a partir do século XVIII, seu significado se ampliou, passando a significar também o conhecimento erudito, relacionado ao desenvolvimento e progresso sociais. Essa mudança pode ser vista bem percebida se associada às transformações econômicas e culturais pelas quais a Europa passava. Naquele contexto, à ideia de cultura juntou-se a de civilização, fruto do pensamento iluminista francês. Porém, a partir principalmente do século XIX, a relação entre as ideias de cultura e civilização foi questionada, já que uma não levava necessariamente à outra, e que o conceito de civilização se referia a uma situação histórica específica, com o desenvolvimento dos meios de comunicação em massa na década de 1960, não era mais plausível pensar em cultura dessa forma, como se uma ou outra cultura fosse comum a toda a sociedade. Como afirma Cevalso, "nesse momento, a Cultura, com letra maiúscula, é substituída por culturas no plural".[5]

Essa aceção tornou corpo e o termo, complexo, passou a incorporar questões relacionadas a processos íntimos, como a vida intelectual e as artes, bem como aos processos gerais, relacionados aos diferentes modos de vida.[9] Williams afirma que isto se constituiu em um problema, uma vez que cultura passou a ser encarada como algo dado, distinto e fora da realidade social, como uma categoria estanque, assim como política, economia e sociedade.

Para se contrapor a essa tradição de pensamento sobre a cultura, o autor fez um resgate de algumas teorias culturais, ou de teorias que permitiam pensar a cultura, entre elas a idealista e a materialista, a fim de rever a ideia de que a cultura era uma instância autônoma e à parte.

Além de questionar a noção idealista que previa uma separação entre cultura e vida material, Williams atacou o pensamento materialista mecanicista pelo fato de este, tentando criticar os idealistas, reproduzir esta mesma concepção e relativos, voltados para empirias, questões do espírito, em contraposição à ideia de que existe um processo ativo de relação entre sociedade e arte, ou seja, entre infra e superestrutura. No entanto, o autor apontou que, mesmo indicando um processo ativo entre essas duas estruturas, a mediação ainda fortalece a concepção dualista de duas instâncias distintas.

A análise dessas outras ideias por Williams é importante, pois ele mostra como, em geral, os marxistas e os estruturalistas trabalhavam com a noção de que elas constituíam áreas ou esferas específicas, sem conexão ativa de umas para com as outras.

No capítulo onde discute língua, o autor mostra como, entre o final do século XIX e meados do XX, um tipo de marxismo dominante fez uma redução prática entre tais esferas:

"não tanto diretamente na teoria da linguagem que, que no todo foi negligenciada, mas habitualmente em suas exposições sobre as categorias e em sua análise das atividades linguísticas práticas que foram agrupadas sob as concepções de 'ideologia' e 'superestrutura'. [10]

Na crítica a esse tipo de marxismo mecanicista, Williams recuperou os estudos de Mikhail Bakhtin que, segundo ele, seriam originais já que definiriam a linguagem como sendo uma atividade social prática, dependente de uma relação social. Bakhtin trabalhou com a ideia de que a linguagem era consciência prática e, como tal, estava sempre em contato com o direcionamento político definido pelo partido, em Moscou. Nesse sentido, "a linguagem é a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo" [11] Bakhtin trabalhou com a ideia de que a consciência era social, mas que deveria ser entendida em um processo dialético, uma vez que ela, em termos práticos, operava na transformação dos seres humanos. Assim, o autor conclui que ela é uma atividade material prática e, portanto, é um meio de produção.

Essa noção tomada de Bakhtin foi importante para Williams repensar sua noção de cultura, no sentido da elaboração de uma teoria materialista da cultura, superando as concepções marxistas reducionistas que colocavam a cultura como superestrutura determinada pela infra-estrutura.

Nesse sentido, Williams ampliou a sua noção de determinação, que no pensamento marxista em geral era associada ao economicismo, e afirmou que ela está na totalidade do processo social:

"a sociedade não é apenas a casca morta que limita a realização social e individual. É sempre também um processo consistente com pressões muito poderosas, que são internalizadas e se tornam vontades individuais".[12]

Essa ideia da determinação por Williams influenciou também a sua concepção de forças produtivas, que para ele seria "um dos e todos os meios de produção e reprodução da vida real".[13] A cultura passou a ser vista por Williams como uma força produtiva, essencial na produção "de nós mesmos e nossas sociedades", como ele afirmou em outro texto.

Com isso, Williams também teceu o autor crítica à teoria do reflexo, que a vida na consciência (arte, cultura) um simples reflexo da realidade social. O autor ainda criticou um tipo de posicionamento diferente, que acreditava na possibilidade da mediação entre base e superestrutura. A ideia de mediação se funda na crença de que existe um processo ativo de relação entre sociedade e arte, ou seja, entre infra e superestrutura. No entanto, o autor apontou que, mesmo indicando um processo ativo entre essas duas estruturas, a mediação ainda fortalece a concepção dualista de duas instâncias distintas.

Avançando na elaboração de uma teoria materialista da cultura, Williams também resgatou Antonio Gramsci, principalmente sua concepção de hegemonia. A ideia de hegemonia sugere que uma determinada classe domine e subordinie significados, valores e crenças a outras classes. No entanto, Gramsci afirmou que apesar da difusão de um pensamento hegemônico por determinada classe, as demais não equacionam tal pensamento com a consciência, ou seja, não reduzem sua consciência à tal pensamento. Assim, Williams afirmou que

"é todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema de práticas, com os valores e valores em construção, que se mantêm e se transformam em uma realidade prática".[14]

Nesse sentido, a hegemonia produz também contra-hegemonia, ou seja, a cultura dominante produz e limita, ao mesmo tempo, suas formas de contracultura.

Analizando outras influências teóricas que contribuíram para a elaboração da ideia de materialismo cultural, Cevalso mostrou que Williams se apropriou também da noção antropológica de cultura como um modo de vida, com o objetivo de mostrar que é algo comum a toda a sociedade.[15] Nesse sentido, ele estaria rompendo com a ideia de que a cultura era cultura de elite, ainda presente no contexto em que escrevia.

Essa concepção apropriada da antropologia ajuda a mostrar como diferentes significados e valores organizam a vida social comum. Nesse sentido, a cultura deixa de ser um resultado ou reflexo de uma determinada base econômica, para ser um resultado do próprio aspecto importante das relações sociais. Ou seja, a cultura se torna elemento constitutivo do processo social e, assim, "é um modo de produção de significados e valores da sociedade".[16] Cevalso mostrou que, para o autor, aqui em questão, as artes e as práticas culturais poderiam até refletir, mas também produziram significados que mudam a sociedade.

Com o objetivo de sintetizar a concepção da teoria materialista de cultura desenvolvida pelo autor, cremos ser pertinente apresentar as próprias palavras de Williams:

"a inserção das determinações econômicas nos estudos culturais é sem dúvida a contribuição especial do marxismo, e há ocasiões em que sua simples inserção é um progresso evidente. Mas, no fim, não pode ser uma simples inserção, pois o que se faz realmente necessário, além das análises das relações entre base e superestrutura, é o restabelecimento de todo o processo social material, e especificamente da produção cultural como social e material".[17]

Dessa forma, então, Williams contribuiu para a elaboração de uma teoria materialista de cultura, ampliando o conceito de cultura, de modo a não deixar de integrar a vida, a natureza, o espírito, em contraposição à ideias esferas da realidade social e a atuação delas como forças produtivas, ou seja, como elementos ativos na transformação social.

Edward P. Thompson (1924-1993) e a questão da experiência como fundamental no entendimento do conceito de cultura

O historiador inglês Edward Thompson é considerado, junto a Raymond Williams e Richard Hoggart, fundador de uma nova disciplina, os estudos culturais. Como estes, Thompson também participou do projeto de educação de trabalhadores. Ex-membro do Partido Comunista, ajudou a formar o movimento da Nova Esquerda, preocupado em romper com o direcionamento político definido pelo partido, em Moscou. Esse rompimento teve implicações políticas que extrapolaram o campo "político" (se é que se pode considerá-lo como específico) e, também teóricas, uma vez que questionou os rumos do pensamento marxista.

O impacto desse movimento para a historiografia foi grande, uma vez que dele participaram Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Perry Anderson, entre outros. Dispostos a reescreverem a história britânica a partir de uma revisão crítica do marxismo presente até então, eles acabaram contribuindo para a revisão da disciplina História, de uma forma geral e, mais especificamente, contribuindo para os estudos de História Social. O engajamento de alguns deles nos programas de educação de trabalhadores teria influenciado, ainda, uma nova forma de entender a história social e a história da cultura. A ideia de mediação se funda na crença a partir da publicação do livro *The History from Below*, por E. Thompson, em 1966. Desde então, o conceito de história vista de baixo teria entrado no linguagem comum dos historiadores.[18]

No prefácio da *Formação da classe operária inglesa*, Thompson apresentou sua preocupação com os de baixo:

"Estou procurando resgatar o 'utopista' e o agitador ultrapasado, o tecelão do tear manual 'obsoleto', o artesão 'utopista' e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado rotineiras e suas ideias contrárias ao novo idealismo, mas não podem ter-se tornado retrógradas. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conserações irracionalmente podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não".[19]

Esse trecho nos ajuda a entender a preocupação do historiador inglês em reconstruir as experiências das pessoas comuns. Para isso, afirma que era preciso compreender o passado à luz de sua própria experiência e de suas próprias reações a essa experiência.

Ao lançar a ideia de se recuperar a experiência das pessoas, Thompson estruturou sua contribuição aos estudos da cultura. No entanto, esta não foi em oposição às velhas concepções marxistas de cultura, sobretudo aquelas mais economicistas, que acreditavam na relação infraestrutura-determinante / superestrutura determinada. No livro *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos* Thompson questionou o emprego dessa "fórmula", afirmando que

"mesmo Marx não se serviu dessa analogia de modo repetido, embora o tenha feito, uma vez, uma síntese sensivelmente importante de sua teoria, a qual se mostrou influente. Mas devemos nos recordar que, em outras ocasiões, ele lançou mão de analogias bem diversas para o processo histórico".[20]

Entre essas outras ocasiões, segundo o autor, estaria uma passagem dos *Grundrisse*, onde Marx teria enfatizado a simultaneidade da manifestação de forças produtivas particulares em todos os sistemas e áreas da vida social.

Resgatando Marx para criticar os reducionistas, Thompson também usou em questão a ideia tradicionalmente usada por estes para descrever o modo de produção em termos de interação entre base e superestrutura secundárias, as normas, os valores, enfim, a cultura, que colócu em conceitos decisivos sobre os quais, para ele, se organiza um modo de produção. Nesse sentido, Thompson fez uma crítica radical a estes marxistas:

"a analogia 'base e superestruturas' é radicalmente inadequada. Não tem consenso. Está datada de uma inerente tendência ao reducionismo ou ao determinismo econômico. Estará classificando atividades e atributos humanos ao dispor alguns destes na superestrutura (lei, arte, religião, moralidade), e outros na base (tecnologia, economia, as ciências aplicadas), mas não há um 'exemplar puro classe', ela não existe, nem a cultura, inclusive, a atividade produzida nesse sentido, "a linguagem é a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo" [11] Bakhtin trabalhou com a ideia de que a consciência era social, mas que deveria ser entendida em um processo dialético, uma vez que ela, em termos práticos, operava na transformação dos seres humanos. Assim, o autor conclui que ela é uma atividade material prática e, portanto, é um meio de produção."

Além de criticar o reducionismo marxista, Thompson também atacou a concepção dos estruturalistas, sobretudo a de Lévi-Strauss, que via cultura como um sistema de relações que se funda na crença em última instância, teria deixado os problemas do materialismo histórico e cultural sem solução.[22]

Em que bases, então, Thompson teria se fundamentado para construir sua ideia da experiência?

A ideia de experiência estava presente já *nA formação da classe operária inglesa* onde, visando mostrar o pensamento desenvolvido por Williams em oposição ao marxismo, teve como foco a cultura operária, mais precisamente no processo de sua constituição, considerando a subjetividade, a relação entre as classes, a cultura, bem como os processos formativos e constitutivos da dita classe. Nesse sentido, a cultura se torna elemento constitutivo do processo social e, assim, "é um modo de produção de significados e valores da sociedade".[16] Cevalso mostrou que, para o autor, aqui em questão, as artes e as práticas culturais poderiam até refletir, mas também produziram significados que mudam a sociedade.

Thompson repensou a relação marxista tradicional expressa pela frase "o ser social determina a consciência social", a partir da sua concepção de classe. Ele afirmou que as classes sociais não eram uma "estrutura", nem uma "categoria", mas sim "algo que ocorre efetivamente nas relações humanas"; elas eram um fenômeno histórico e não estático, pois sua noção trazia consigo a noção de relação histórica. Não havia um "exemplar puro classe", ela não existe, nem a cultura, inclusive, a atividade produzida nesse sentido, "a linguagem é a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo" [11] Bakhtin trabalhou com a ideia de que a consciência era social, mas que deveria ser entendida em um processo dialético, uma vez que ela, em termos práticos, operava na transformação dos seres humanos. Assim, o autor conclui que ela é uma atividade material prática e, portanto, é um meio de produção."

Nesse sentido, para o autor, as classes acontecem, fazem-se,

"quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sustentam o pensamento de que eles estão em oposição às velhas concepções marxistas de cultura, que eles mesmos defendem (e geralmente se opõem) dos seus". [23]

Se, por um lado, "a experiência de classe é determinada pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram voluntariamente", por outro lado, "a formação de classe é a forma como essas experiências são transformadas e encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e normas institucionais" – a experiência é determinada [24] Assim, a consciência das classes teria origem no cruzamento da determinação e da auto-atividade; de fazer um processo de fazer-se, embora sob condições que são dadas – um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos: as classes fazem-se a si mesmas, tanto quanto são feitas. Não se deve, então, colocar classe e consciência de classe, bem como luta de classes, como entidades separadas, uma vindo depois da outra, já que as três devem ser consideradas conjuntamente: as formações de classe e a consciência de classe se desenvolvem num processo inacabado de relação, de luta contra outras classes, no tempo.[25]

A determinação seria feita, então, de forma direta sobre a experiência e, não, sobre a consciência social. Está, no entanto, esta experiência, em oposição às velhas concepções marxistas de cultura, e não sobre a experiência em si mesma, que seria determinada e a cultura volta a ser um significado estanque e reducionista, já que passaram a existir várias culturas. Este seria o mundo da pluralidade cultural.

Nesse contexto, o marxismo é apresentado pelos pós-modernos como ultrapassado, já que não oferece subsídios teóricos para dar conta da explicação de tantas "culturas de minorias", sobretudo por causa da ênfase na possibilidade da mediação entre base e superestrutura. A ideia de mediação se funda na crença de que existe um processo ativo de relação entre sociedade e arte, ou seja, entre infra e superestrutura. No entanto, o autor apontou que, mesmo indicando um processo ativo entre essas duas estruturas, a mediação ainda fortalece a concepção dualista de duas instâncias distintas.

Avançando na elaboração de uma teoria materialista da cultura, Williams também resgatou Antonio Gramsci, principalmente sua concepção de hegemonia. A ideia de hegemonia sugere que uma determinada classe domine e subordinie significados, valores e crenças a outras classes. No entanto, Gramsci afirmou que apesar da difusão de um pensamento hegemônico por determinada classe, as demais não equacionam tal pensamento com a consciência, ou seja, não reduzem sua consciência à tal pensamento. Assim, Williams afirmou que

"é todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema de práticas, com os valores e valores em construção, que se mantêm e se transformam em uma realidade prática".[14]

Nesse sentido, a hegemonia produz também contra-hegemonia, ou seja, a cultura dominante produz e limita, ao mesmo tempo, suas formas de contracultura.

Analizando outras influências teóricas que contribuíram para a elaboração da ideia de materialismo cultural, Cevalso mostrou que Williams se apropriou também da noção antropológica de cultura como um modo de vida, com o objetivo de mostrar que é algo comum a toda a sociedade.[15] Nesse sentido, ele estaria rompendo com a ideia de que a cultura era cultura de elite, ainda presente no contexto em que escrevia.

Essa concepção apropriada da antropologia ajuda a mostrar como diferentes significados e valores organizam a vida social comum. Nesse sentido, a cultura deixa de ser um resultado ou reflexo de uma determinada base econômica, para ser um resultado do próprio aspecto importante das relações sociais. Ou seja, a cultura se torna elemento constitutivo do processo social e, assim, "é um modo de produção de significados e valores da sociedade".[16] Cevalso mostrou que, para o autor, aqui em questão, as artes e as práticas culturais poderiam até refletir, mas também produziram significados que mudam a sociedade.

Com o objetivo de sintetizar a concepção da teoria materialista de cultura desenvolvida pelo autor, cremos ser pertinente apresentar as próprias palavras de Williams:

"a inserção das determinações econômicas nos estudos culturais é sem dúvida a contribuição especial do marxismo, e há ocasiões em que sua simples inserção é um progresso evidente. Mas, no fim, não pode ser uma simples inserção, pois o que se faz realmente necessário, além das análises das relações entre base e superestrutura, é o restabelecimento de todo o processo social material, e especificamente da produção cultural como social e material".[17]

Dessa forma, então, Williams contribuiu para a elaboração de uma teoria materialista de cultura, ampliando o conceito de cultura, de modo a não deixar de integrar a vida, a natureza, o espírito, em contraposição à ideias esferas da realidade social e a atuação delas como forças produtivas, ou seja, como elementos ativos na transformação social.

Edward P. Thompson (1924-1993) e a questão da experiência como fundamental no entendimento do conceito de cultura

O historiador inglês Edward Thompson é considerado, junto a Raymond Williams e Richard Hoggart, fundador de uma nova disciplina, os estudos culturais. Como estes, Thompson também participou do projeto de educação de trabalhadores. Ex-membro do Partido Comunista, ajudou a formar o movimento da Nova Esquerda, preocupado em romper com o direcionamento político definido pelo partido, em Moscou. Esse rompimento teve implicações políticas que extrapolaram o campo "político" (se é que se pode considerá-lo como específico) e, também teóricas, uma vez que questionou os rumos do pensamento marxista.

O impacto desse movimento para a historiografia foi grande, uma vez que dele participaram Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Perry Anderson, entre outros. Dispostos a reescreverem a história britânica a partir de uma revisão crítica do marxismo presente até então, eles acabaram contribuindo para a revisão da disciplina História, de uma forma geral e, mais especificamente, contribuindo para os estudos de História Social. O engajamento de alguns deles nos programas de educação de trabalhadores teria influenciado, ainda, uma nova forma de entender a história social e a história da cultura. A ideia de mediação se funda na crença a partir da publicação do livro *The History from Below*, por E. Thompson, em 1966. Desde então, o conceito de história vista de baixo teria entrado no linguagem comum dos historiadores.[18]

No prefácio da *Formação da classe operária inglesa*, Thompson apresentou sua preocupação com os de baixo:

"Estou procurando resgatar o 'utopista' e o agitador ultrapasado, o tecelão do tear manual 'obsoleto', o artesão 'utopista' e até os seguidores enganados de Joanna Southcott, da enorme condendência da posteridade. Suas habilidades e tradições podem ter-se tornado rotineiras e suas ideias contrárias ao novo idealismo, mas não podem ter-se tornado retrógradas. Seus ideais comunitários podem ter-se tornado fantasias. Suas conserações irracionalmente podem ter-se tornado imprudentes. Mas eles viveram nesses períodos de extrema perturbação social, e nós, não".[19]

Esse trecho nos ajuda a entender a preocupação do historiador inglês em reconstruir as experiências das pessoas comuns. Para isso, afirma que era preciso compreender o passado à luz de sua própria experiência e de suas próprias reações a essa experiência.

Ao lançar a ideia de se recuperar a experiência das pessoas, Thompson estruturou sua contribuição aos estudos da cultura. No entanto, esta não foi em oposição às velhas concepções marxistas de cultura, sobretudo aquelas mais economicistas, que acreditavam na relação infraestrutura-determinante / superestrutura determinada. No livro *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos* Thompson questionou o emprego dessa "fórmula", afirmando que

"mesmo Marx não se serviu dessa analogia de modo repetido, embora o tenha feito, uma vez, uma síntese sensivelmente importante de sua teoria, a qual se mostrou influente. Mas devemos nos recordar que, em outras ocasiões, ele lançou mão de analogias bem diversas para o processo histórico".[20]

Entre essas outras ocasiões, segundo o autor, estaria uma passagem dos *Grundrisse*, onde Marx teria enfatizado a simultaneidade da manifestação de forças produtivas particulares em todos os sistemas e áreas da vida social.

Resgatando Marx para criticar os reducionistas, Thompson também usou em questão a ideia tradicionalmente usada por estes para descrever o modo de produção em termos de interação entre base e superestrutura secundárias, as normas, os valores, enfim, a cultura, que colócu em conceitos decisivos sobre os quais, para ele, se organiza um modo de produção. Nesse sentido, Thompson fez uma crítica radical a estes marxistas:

"a analogia 'base e superestruturas' é radicalmente inadequada. Não tem consenso. Está datada de uma inerente tendência ao reducionismo ou ao determinismo econômico. Estará classificando atividades e atributos humanos ao dispor alguns destes na superestrutura (lei, arte, religião, moralidade), e outros na base (tecnologia, economia, as ciências aplicadas), mas não há um 'exemplar puro classe', ela não existe, nem a cultura, inclusive, a atividade produzida nesse sentido, "a linguagem é a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo" [11] Bakhtin trabalhou com a ideia de que a consciência era social, mas que deveria ser entendida em um processo dialético, uma vez que ela, em termos práticos, operava na transformação dos seres humanos. Assim, o autor conclui que ela é uma atividade material prática e, portanto, é um meio de produção."

Além de criticar o reducionismo marxista, Thompson também atacou a concepção dos estruturalistas, sobretudo a de Lévi-Strauss, que via cultura como um sistema de relações que se funda na crença em última instância, teria deixado os problemas do materialismo histórico e cultural sem solução.[22]

Em que bases, então, Thompson teria se fundamentado para construir sua ideia da experiência?

A ideia de experiência estava presente já *nA formação da classe operária inglesa* onde, visando mostrar o pensamento desenvolvido por Williams em oposição ao marxismo, teve como foco a cultura operária, mais precisamente no processo de sua constituição, considerando a subjetividade, a relação entre as classes, a cultura, bem como os processos formativos e constitutivos da dita classe. Nesse sentido, a cultura se torna elemento constitutivo do processo social e, assim, "é um modo de produção de significados e valores da sociedade".[16] Cevalso mostrou que, para o autor, aqui em questão, as artes e as práticas culturais poderiam até refletir, mas também produziram significados que mudam a sociedade.

Thompson repensou a relação marxista tradicional expressa pela frase "o ser social determina a consciência social", a partir da sua concepção de classe. Ele afirmou que as classes sociais não eram uma "estrutura", nem uma "categoria", mas sim "algo que ocorre efetivamente nas relações humanas"; elas eram um fenômeno histórico e não estático, pois sua noção trazia consigo a noção de relação histórica. Não havia um "exemplar puro classe", ela não existe, nem a cultura, inclusive, a atividade produzida nesse sentido, "a linguagem é a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo" [11] Bakhtin trabalhou com a ideia de que a consciência era social, mas que deveria ser entendida em um processo dialético, uma vez que ela, em termos práticos, operava na transformação dos seres humanos. Assim, o autor conclui que ela é uma atividade material prática e, portanto, é um meio de produção."

Nesse sentido, para o autor, as classes acontecem, fazem-se,

"quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sustentam o pensamento de que eles estão em oposição às velhas concepções marxistas de cultura, que eles mesmos defendem (e geralmente se opõem) dos seus". [23]

Se, por um lado, "a experiência de classe é determinada pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram voluntariamente", por outro lado, "a formação de classe é a forma como essas experiências são transformadas e encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e normas institucionais" – a experiência é determinada [24] Assim, a consciência das classes teria origem no cruzamento da determinação e da auto-atividade; de fazer um processo de fazer-se, embora sob condições que são dadas – um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos: as classes fazem-se a si mesmas, tanto quanto são feitas. Não se deve, então, colocar classe e consciência de classe, bem como luta de classes, como entidades separadas, uma vindo depois da outra, já que as três devem ser consideradas conjuntamente: as formações de classe e a consciência de classe se desenvolvem num processo inacabado de relação, de luta contra outras classes, no tempo.[25]

A determinação seria feita, então, de forma direta sobre a experiência e, não, sobre a consciência social. Está, no entanto, esta experiência, em oposição às velhas concepções marxistas de cultura, e não sobre a experiência em si mesma, que seria determinada e a cultura volta a ser um significado estanque e reducionista, já que passaram a existir várias culturas. Este seria o mundo da pluralidade cultural.

Nesse contexto, o marxismo é apresentado pelos pós-modernos como ultrapassado, já que não oferece subsídios teóricos para dar conta da explicação de tantas "culturas de minorias", sobretudo por causa da ênfase na possibilidade da mediação entre base e superestrutura. A ideia de mediação se funda na crença de que existe um processo ativo de relação entre sociedade e arte, ou seja, entre infra e superestrutura. No entanto, o autor apontou que, mesmo indicando um processo ativo entre essas duas estruturas, a mediação ainda fortalece a concepção dualista de duas instâncias distintas.

Avançando na elaboração de uma teoria materialista da cultura, Williams também resgatou Antonio Gramsci, principalmente sua concepção de hegemonia. A ideia de hegemonia sugere que uma determinada classe domine e subordinie significados, valores e crenças a outras classes. No entanto, Gramsci afirmou que apesar da difusão de um pensamento hegemônico por determinada classe, as demais não equacionam tal pensamento com a consciência, ou seja, não reduzem sua consciência à tal pensamento. Assim, Williams afirmou que

"é todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema de práticas, com os valores e valores em construção, que se mantêm e se transformam em uma realidade prática".[14]

Nesse sentido, a hegemonia produz também contra-hegemonia, ou seja, a cultura dominante produz e limita, ao mesmo tempo, suas formas de contracultura.

Analizando outras influências teóricas que contribuíram para a elaboração da ideia de materialismo cultural, Cevalso mostrou que Williams se apropriou também da noção antropológica de cultura como um modo de vida, com o objetivo de mostrar que é algo comum a toda a sociedade.[15] Nesse sentido, ele estaria rompendo com a ideia de que a cultura era cultura de elite, ainda presente no contexto em que escrevia.

Essa concepção apropriada da antropologia ajuda a mostrar como diferentes significados e valores organizam a vida social comum. Nesse sentido, a cultura deixa de ser um resultado ou reflexo de uma determinada base econômica, para ser um resultado do próprio aspecto importante das relações sociais. Ou seja, a cultura se torna elemento constitutivo do processo social e, assim, "é um modo de produção de significados e valores da sociedade".[16] Cevalso mostrou que, para o autor, aqui em questão, as artes e as práticas culturais poderiam até refletir, mas também produziram significados que mudam a sociedade.

Com o objetivo de sintetizar a concepção da teoria materialista de cultura desenvolvida pelo autor, cremos ser pertinente apresentar as próprias palavras de Williams:

"a inserção das determinações econômicas nos estudos culturais é sem dúvida a contribuição especial do marxismo, e há ocasiões em que sua simples inserção é um progresso evidente. Mas, no fim, não pode ser uma simples inserção, pois o que se faz realmente necessário, além das análises das relações entre base e superestrutura, é o restabelecimento de todo o processo social material, e especificamente da produção cultural como social e material".[17]

D